

***El discurso vacío* de Mario Levrero: um diário comezinho opondo-se à racionalidade neoliberal**

*El discurso vacío de Mario Levrero: un pequeño diario de
oposición a la racionalidad neoliberal*

Luis Figueiredo

Universidade de São Paulo (USP)

lfiffigueiredo@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0004-9824-6320>

RESUMO

O artigo analisa o romance *El discurso vacío*, do escritor uruguaio Mario Levrero (2011). O livro, na forma de um diário, narra os dias de Levrero com sua família acrescido de exercício caligráficos, que, para o autor, seriam capazes de melhorar sua personalidade. Apesar de tratar de um microcosmo familiar e de elementos introspectivos, apresenta um diálogo com fatores externos na medida que, na figura do autor apresentada no diário encontramos uma oposição às demandas sociais por desempenho que surgem por meio da racionalidade neoliberal. Como fundamentação, utilizaremos o conceito de racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2020), bem como análises acerca de relação entre subjetividade e neoliberalismo presentes em (Alemán, 2016) e (Han, 2015). Concluímos que o livro apresenta a narrativa de um sujeito que se opõem a racionalidade neoliberal.

Palavras-chave: literatura uruguaia; Mario Levrero; subjetividade; neoliberalismo.

RESUMEN

El artículo analiza la novela *El discurso vacío* del escritor uruguayo Mario Levrero (2011). El libro, en forma de diario, narra los días de Levrero con su familia más ejercicios caligráficos, que para el autor lograrían mejorar su personalidad. A pesar de abordar un microcosmos familiar y elementos introspectivos, presenta un diálogo con factores externos en la medida que, en la figura del autor presentada en el diario, encontramos una oposición a las demandas sociales de desempeño que surgen a través de la racionalidad neoliberal. Utilizaremos como base el concepto de racionalidad neoliberal (Dardot&Laval, 2020), así como análisis sobre la relación entre subjetividad y neoliberalismo presentes en (Alemán, 2016) y (Han, 2015). Concluimos que el libro presenta la narrativa de un sujeto que se opone a la racionalidad neoliberal.

Palabras-clave: literatura uruguaia; Mario Levrero; subjetividade; neoliberalismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo promover uma análise de elementos presentes no livro *El discurso vacío* de Mario Levrero (2011). O livro em questão é composto por dois elementos: de um lado as entradas de um diário; por outro, o que Levrero denomina de *discurso vacío*, momentos em que ele tenta escrever sem pensar, evitando qualquer coerência de pensamento. Todo o livro tem por ideal, para o autor, a melhoria de sua personalidade, dada a crença de que a letra manuscrita de uma pessoa representaria essa sua individualidade. Com tal crença, o autor se propõe a melhorar sua grafia para ter como possível resultado a melhoria de sua personalidade.

Uma obra que se apresenta com esses objetivos, e, em grande parte de suas entradas do diário, relata elementos corriqueiros do cotidiano de Levrero com seu enteado e sua esposa; podendo parecer um livro por demais concentrado em elementos introspectivos de um microcosmo familiar.

Entretanto, ao localizarmos o romance em questão no contexto da década em que foi publicado, novos elementos podem ser colocados em análise. *El discurso vacío*, tomando por base a datação das entradas do diário, localiza-se entre 1989 e 1991. Sua primeira publicação ocorreu em 1996; de tal modo que podemos circunscrevê-lo na década de 90.

Essa década é reconhecida por autores como Bandeira (2002) e Dardot e Laval (2020) como o período em que há um grande levante neoliberal – levando os países da América Latina a grandes privatizações e uma busca por austeridade. Dardot e Laval (2020) e Jorge Alemán (2016) apontam que o Neoliberalismo não se resume tão somente a um modelo econômico, mas também a uma nova racionalidade que atravessa os sujeitos gerando o que os autores denominam como uma *subjetividade neoliberal*.

Para Dardot e Laval (2020), tal característica tem como premissas a concorrência e o modelo da empresa como a forja maior das subjetividades. Essa racionalidade neoliberal, que passa a moldar os sujeitos, leva-os a uma busca por eficiência e desempenho, afinal, como os próprios autores salientam, os sujeitos sob essa lógica se comportam à luz do modelo de administração de uma empresa.

É nessa esteira de pensamento que analisamos as entradas de *El discurso vacío* e identificamos fissuras nesse romance que a princípio aparentava um microcosmo ensimesmado, mas que toca essas facetas sociais de sujeitos que se moldam em busca de eficiência e desempenho.

Isso, porque, na figura de Levrero, ao longo do romance, temos um sujeito atravessado por essas demandas oriundas da racionalidade neoliberal, mas, que ao mesmo tempo, coloca-se contra, buscando o sossego, a lentidão na execução de tarefas e, por diversas vezes, a procrastinação, além de se culpar por estar em falta frente às obrigações. Mesmo tomando essa forma de ser distinta da racionalidade neoliberal, Levrero, em vários momentos, apresenta julgamentos negativos em relação à sua pessoa, principalmente, por essa maneira menos eficiente e tão afeita ao ócio de si mesmo. O que nos mostra que, mesmo dentro desse universo introspectivo de *El discurso vacío*, elementos do contexto de época se apresentam e permitem mais reflexões acerca desse sujeito contemporâneo afetado por elementos externos e cindido entre seus desejos e as demandas exteriores.

El discurso vacío: uma pequena ode ao ócio

Entre a obra de Mario Levrero encontramos contos, histórias em quadrinhos, crônicas, romances policiais e ficção científica. Essa produção multifacetada que se origina na década de 70 ganha uma nova faceta na década de 90. Mesmo que anteriormente em 1972 tenha sido publicado *El diario de un canalla*, é com *El discurso vacío* (1996), e posteriormente com *La novela luminosa* (2005), que sua obra toma maior enfoque nas formas discursivas autobiográficas. Tal estágio tardio do autor desprega-se das características mais presentes em sua obra até o momento. Antonio Marcos Pereira aponta a seguinte alteração na produção de Levrero:

começa a investir em anotações e diários como estruturantes de sua narrativa, em uma deriva que já foi descrita como a do afastamento gradual da ficção e aproximação cada vez mais intensa da autobiografia. Nesse processo, se afasta daquilo que mais chamava a atenção em sua produção narrativa anterior – uma ficção marcada por alguma medida de fantástico, ou de certa ficção científica, ou de kafkianismo – e se aproxima de estratégias narrativas que circundam, exploram e tematizam o eu. Sai o desvio do real, entra o banal, o cotidiano, e em especial as vicissitudes da identidade, e os custos de sua sustentação (Pereira, 2018, p. 139).

Essa fase com contornos autobiográficos, como Reinaldo Laddaga (2016) aponta, permite a Levrero sair da condição de autor restrito a pequenos nichos de leitores e ganhar maior reconhecimento. O autor também faz menção a uma característica peculiar dessa fase tardia de Levrero sendo o fato de que os livros em questão aparentam ser escritos para que o leitor não os aprecie, uma vez que seriam como relatos de eventos cotidianos,

que buscam certa simplicidade no fazer literário: “son carpetas que contienen informes de alguien que, aunque evidentemente melancólico, se ha librado de la necesidad, común entre literatos, de escribir textos admirables” (Laddaga, 2016, p. 2).

Cabe adicionar o apontamento de Pereira de que essa mudança na escrita de Levrero coloca em xeque a crítica:

Nosso encaminhamento hermenêutico padrão tende a supor uma entidade prévia, origem e causa do que se dá a ver no texto; e, quando examinamos as poéticas dos gêneros (auto) biográficos, estamos nos remetendo ao espaço de artifício e invenção que dá conta da rota entre a suposta vida subjacente ao texto e o que é narrado, tentando entender como é narrado, e especulando sobre escolhas, opções do artífice/autor na manipulação de seus recursos (Pereira, 2018, p. 141).

Além de questionar o parecer, os romances em forma de diário de Levrero extrapolam o gênero diário, à medida que ainda que se configurem na forma diário mantendo-se enquanto romances. Florencia Garramuño, em seu livro *Frutos extraños: sobre a inespecificidade na estética contemporânea* (2014), aponta que *La novela luminosa* é uma obra que dificulta a possibilidade de defini-la em um lugar específico, e, assim como ela, *El discurso vacío* também se insere nesse lugar inespecífico, já que mescla e extrapola gêneros.

Mariela Herrero (2014), ao debruçar-se sobre *El diario de un canalla*, outro romance em forma de diário escrito por Mario Levrero, aponta a maneira como para o escritor a vida servia de matéria prima de sua escritura de tal sorte que, ainda na forma diário, suas obras não possam ser lidas como autobiográficas, uma vez que se propõem enquanto romances.

Es la vida la que legitima la obra, el recurso de apelar a lo “estrictamente vivido” para, a partir de allí, construir lo que será su literatura, algo que el mismo Levrero ha sido muy riguroso en asegurar. Toda la fuente de su obra reside precisamente en experiencias reales, verdaderas, experimentadas, vividas o percibidas de una u otra manera (Herrero, 2014, p. 2).

É por tal imbricamento entre vida e obra, sendo que as experiências de vida servem a serem imaginadas e registradas na obra, que Garramuño (2014) aponta os romances em forma de diário de Levrero na esteira dessa indeterminação estética. Ainda acerca desse imbricamento entre vida e obra, Herrero (2014) salienta que, durante sua vida, Mario Levrero defendia a experiência pessoal enquanto matéria prima da literatura. Desse modo, a literatura de Levrero opera a partir da imaginação, não de invenção. “Es decir, la

literatura no se opone a lo cotidiano, sino que se nutre de ello, porque tanto una como otro se basan en el mismo principio estructurante: la religiosidad de la verdad.” (Herrero, 2014, p. 2)

É dessa forma que, em *El discurso vacío*, encontramos um romance composto por duas modalidades de escrita. De um lado, os exercícios caligráficos, em que Levrero busca melhorar seu eu a partir da lógica de que a grafia da letra reflete o modo de ser daquele que escreve – “Debo caligrafiar. De eso se trata. Debo permitir que mi yo se agrande por el mágico influjo de la grafología. Letra grande, yo grande. Letra chica, yo chico. Letra linda, yo lindo” (Levrero, 2011, p. 40) –, acrescido do próprio discurso vazio, tendo esse, segundo o autor, uma intenção mais literária. Conforme ele mesmo,

La novela en su forma actual fue construida a semejanza de un diario íntimo. A los «Ejercicios», ordenados cronológicamente, fui agregando los trozos de «El discurso vacío» correspondientes a cada fecha, aunque conservando mediante subtítulos la separación entre uno y otro texto (Levrero, 2011, p. 7).

Esse diário que se constitui como exercício de observação de si mesmo e modo de alteração da personalidade aparenta ser um exercício ensimesmado. No entanto, podemos encontrar fissuras nesse discurso autocentrado que dialogam com o contexto da época em que o texto se insere, bem como a relação do autor com suas condições materiais de existência.

Em *Un hombre entre paréntesis Retrato de Mario Levrero*, Mauro Libertella (2019) apresenta Levrero como uma pessoa de poucas posses e sempre avesso à ideia de riqueza e de trabalho árduo. A partir de relatos de conhecidos e de registros do próprio de Levrero, encontramos o perfil de alguém que valorizava o ócio e se colocava contra a ideia de trabalho árduo e de acúmulo de capital.

El de Levrero era el trabajo de un equilibrista: con pequeños préstamos, con sumas mínimas que le entraban por alguna colaboración, con el anticipo de un libro nuevo, iba construyendo estructuras económicas precarias pero suficientes para sobrevivir (Libertella, 2019, p. 57).

Ainda por Libertella (2019), essa pouca dedicação ao trabalho e uma vida frugal, mas com mais tempo livre, era ao mesmo tempo uma decisão e uma fatalidade: “Pero su conflicto central con el dinero era un problema filosófico que giraba en relación al tiempo” (Libertella, 2019, p.58). Para Levrero, eram essenciais o tempo livre e o ócio, pois era

primordial para a conexão com sua interioridade e, a partir disso, sua capacidade de produzir literatura.

Essa relação entre o mundo do trabalho que atravessa e incomoda o autor aparece em trechos de *El discurso vacío*. No texto encontramos o embate entre o desejo de tempo livre e a ansiedade que nasce do acúmulo de responsabilidades: “Pero cada día que pasa siento cómo crece mi ansiedad [...]” (Levrero, 2011, p. 75). Em busca de compreender essa ansiedade, o autor encontra duas razões: “he asumido demasiadas responsabilidades (a lo que hay que sumar que también he adquirido mayor cantidad de elementos de dispersión)” (Levrero, 2011, p. 75) e o enfraquecimento de seu corpo dada a idade avançada: “mi cuerpo se ha vuelto mucho más exigente con la vejez” (Levrero, 2011, p. 75).

Reparemos que as possibilidades são indicadas como elemento de dispersão, como se as obrigações o afastassem de algo mais importante, podendo ser compreendido como um afastamento de sua real identidade, como afirma mais a frente: “Es, en el fondo, una lucha por rescatar mi identidad y mis principios, en un momento de gran desbarajuste” (Levrero, 2011, p. 77). Esse desajuste em que se encontra é fruto da paradoxal relação entre seu corpo que demanda cuidados de saúde e sua necessidade de arcar com eles que, por sua vez, levam-no a dedicar-se a mais ocupações em busca de recursos: “estas atenciones al cuerpo cuestan dinero, y para ganar dinero es preciso establecer ciertos compromisos; y esos compromisos consumen tiempo” (Levrero, 2011, p. 76).

Nos anos 90, Levrero dedicou-se a ministrar oficinas de escrita, as quais fizeram com que ele entrasse em contato com uma nova geração de escritores como Fernanda Trías, Inés Bortagaray, Marila Lázaro, entre outros. Libertella (2019) diz que, em seus últimos anos de vida, Levrero recebeu ajuda financeira de muitos amigos e de seus discípulos de oficina de escrita e também continuava a se posicionar contra a ideia de grande dedicação ao trabalho e inexistência de ócio:

En sus últimos años, cuando la gente lo visitaba para escuchar la palabra inspiradora del maestro y él los recibía en sillones enfrentados para una charla “alma a alma”, les aconsejaba que dejaran sus trabajos, que no vendieran su tiempo. “Dejá de trabajar y vas a estar bien”: esa era la receta con la que clausuraba las conversaciones. (Libertella, 2019, p. 60)

Em *El discursos vacío* o autor demonstra sua gana por eliminar suas tarefas e deveres para sempre e o mais possível construir um tempo de ócio: “Por otra parte, lo que

vengo buscando con afán desde hace tiempo es liquidar lo más pronto posible el trabajo acumulado para poder acumular um poco de buen ocio” (Levrero, 2011, p. 76). Essa busca pela ociosidade leva-o a considerar concentrar-se no mínimo indispensável – “[...] me concrete a realizar el mínimo absoluto de lo indispensable” (Levrero, 2011, p. 76) – ao que ele conclui: “lo que coloco de un lado de la raya como “no indispensable”, me sea indispensable también, no de un modo racional pero sí vital” (Levrero, 2011, p. 77).

Levrero alega considerar aquilo que lhe é indispensável não orientado por uma razão, mas sim por uma necessidade vital. A escolha da palavra razão chama a atenção, uma vez que dialoga com o conceito de uma nova racionalidade neoliberal proposta por Cristian Laval e Pierre Dardot.

Um contraponto à nova racionalidade em *El discurso vacío*

Em *El discurso vacío*, a primeira entrada logo em seu prólogo é datada de 22 de dezembro de 1989 e a entrada final do livro em maio de 1993. O diário, portanto, está situado no início da década de 90. Quanto à questão geográfica, ele é escrito em Colonia, no Uruguai, e, nessa época, Levrero produzia palavras cruzadas e jogos de enigmas para revistas na Argentina.

Localizar essa obra no tempo e no espaço é importante para percebermos a relação com o contexto sociopolítico da época. Luiz Alberto Moniz Bandeira, em seu artigo *As políticas neoliberais e a crise na América do Sul* (2002), salienta que, após a década de 80, considerada perdida para o desenvolvimento da América do Sul, a região encontrava-se economicamente em dificuldade. A dívida externa dos países acarretava desinvestimentos, fuga de capital interno e externo, estagnação econômica e grandes processos inflacionários. Essa crise afetava seriamente os interesses dos Estados Unidos, o que levou à promoção de uma conferência, em que foram convidados economistas de oito países latino-americanos – Argentina, Brasil, Chile, México, Venezuela, Colômbia, Peru e Bolívia – com a finalidade de formar um diagnóstico e construir medidas de ajustes econômicos para a região, havendo diversas propostas de cunho neoliberal visando à estabilização monetária desses países. Tais medidas passaram a ser conhecidas como *Consenso de Washington*.

A adoção de tais medidas, como a privatização das empresas estatais, a desregulamentação da economia e a liberalização unilateral do comércio exterior pelos países da América Latina constituiria condição fundamental para

que pudessem renegociar a dívida externa e receber qualquer recurso das agências financeiras internacionais (Bandeira, 2002, p. 135).

Bandeira (2002) confirma que essas resoluções não eram novas, eram providências liberais similares às aplicadas nos governos militares da Argentina, do Chile e do Uruguai. Em *Nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*, escrita por Cristian Laval e Pierre Dardot, consonante com o apresentado por Bandeira (2002), é destacado que, a partir do Consenso de Washington, surge um conjunto de recomendações de que deveriam ser seguidas por todos os países em crise para conseguir empréstimos e auxílios.

Dentro dessas medidas do Consenso de Washington, Dardot e Laval (2020) apontam que a grande onda de privatizações de empresas públicas e a desregulamentação da economia eram prioridades. O que é destacado por esses autores é o fato de que esses avanços de políticas neoliberais a partir do final da década 80 na América Latina erigem a concorrência como regra suprema e universal. Tais mudanças na economia são elementos importantes para analisarmos o contexto de produção de *El discurso vacío*.

Para Dardot e Laval (2020), o neoliberalismo antes de ser uma ideologia, ou política econômica, seria uma racionalidade. Ao alçar o neoliberalismo como uma razão, os autores destacam duas características que operam com maior preponderância, sendo-as “[...] a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (Dardot; Laval, 2020, p. 17).

Por sua vez, Jorge Alemán, em seu livro *Horizontes neoliberales en la subjetividad*, também aponta essa racionalidade que se forma sob a égide da ideologia neoliberal. Para ele e partindo de uma base conceitual em Gramsci, Althusser, Foucault e outros, “[...] el poder no solamente oprime, sino que fabrica consenso, establece la orientación subjetiva y produce una trama simbólica que funciona de modo ‘invisible’” (Alemán, 2016, p. 13). Ainda na esteira do pensamento de Alemán (2016), a ordem simbólica que atravessa o neoliberalismo funciona como uma lógica que promove diversas formas de subjetividades. Tal ideia dialoga com o posto por Dardot e Laval (2020), os quais afirmam que a racionalidade neoliberal promove subjetividades orientadas pela lógica do formato de condução de uma empresa e desse modo institui a concorrência como norma de sociabilidade.

A partir da disseminação da concorrência e da empresa como elementos norteadores de uma forma de ser no mundo, surgem os discursos de valorização dos riscos, que seriam inerentes a uma vida, de modo que o indivíduo passa a ter que

constantemente se autoregular. Essa autoregulação torna-se uma característica fundamental nessa nova sociedade cercada de riscos e disputas, assim, “A vida é uma perpétua gestão de riscos que exige rigorosa abstenção de práticas perigosas, autocontrole permanente e regulação dos próprios comportamentos, misturando ascetismo e flexibilidade” (Dardot; Laval, 2020, p. 213).

Retornando ao livro *El discurso vacío*, encontramos a sensação de culpa fruto do não cumprimento de deveres: “Soy un chico malo. Hace varios días que no hago mis deberes. También hace muchos días que no me baño. Huelo muy mal” (Levrero, 2011, p. 32). É possível associarmos esse sentimento de culpa e principalmente de valorar-se sob um olhar negativo ao assujeitamento a essa racionalidade neoliberal demonstrada por Dardot e Laval (2020, p. 345), os quais afirmam que “[...] a coerção econômica e financeira transforma-se em *autocoerção* e *autoculpabilização*, já que somos os únicos responsáveis por aquilo que nos acontece”.

Na esteira do pensamento de Dardot e Laval (2020), sendo a empresa o princípio de modelagem dos atuais sujeitos, tornando-os “homens-empresa”, há em conjunto com essa condição a imposição de um aperfeiçoamento constante, uma busca perene por eficácia e necessidade de flexibilidade frente a reveses externos. Busca-se constantemente, desse modo, a “falha zero”. Nesse sentido, “[...] a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos” (Dardot; Laval, 2020, p. 331).

É importante destacar que a cobrança por resultados e melhorias nasce, não de um agente externo, um chefe, mas é oriunda da própria constituição do sujeito, o qual, dentro dessa racionalidade neoliberal, exige de si mesmo essas imposições. Assim, “[...] a gestão neoliberal de si mesmo consiste em fabricar para si mesmo um eu produtivo, que exige sempre mais de si mesmo e cuja autoestima cresce, paradoxalmente, com a insatisfação que sente por desempenhos passados” (Dardot; Laval, 2020, p. 344).

Byung-Chul Han, em seu livro *A sociedade do cansaço* (2015), discorre sobre a alteração no modelo de sociedade, de um modelo disciplinar, em que vigorava a negatividade, o *não faça*, passamos a uma sociedade do desempenho em que vigora a positividade, o *sim, eu posso*. Cabe lembrar que Han toma de empréstimo o termo *sociedade disciplinar* de Michel Foucault. Nesse paralelo, ele diz que a sociedade disciplinar descrita por Foucault era composta por hospitais, asilos, presídios, já a

sociedade do desempenho alicerça-se em academias *fitness*, aeroportos e bancos de genética:

No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados (Han, 2015, p. 24-25).

Aproximando o pensamento de Byung-Chul Han ao de Dardot e Laval, encontramos em Han a descrição de que a sociedade do desempenho produz sujeitos do desempenho que, livres de uma instância superior e externa que os obrigue ao trabalho, tornam-se soberanos de si. Entretanto, essa soberania, fruto do fim de uma instância dominadora, não os torna mais livres que os sujeitos de uma sociedade disciplinar. Dessa forma, “[...] o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (Han, 2015, p. 29-30).

Tanto a sociedade do desempenho de Han quanto a nova razão neoliberal de Dardot e Laval demonstram como, a partir do avanço neoliberal, essa nova subjetividade orienta-se para uma busca incessante por eficiência. Essa contínua busca por tornar-se melhor, por ser capaz de resolver seus problemas e pelo ideal de vencer na vida, como apontado por Han, tem uma contrapartida aos sujeitos, uma vez que a sociedade do desempenho produz “depressivos e fracassados”. Em consonância com os dizeres de Dardot e Laval (2020, p. 365), tem-se que “A gestão neoliberal da empresa, interiorizando a coerção de mercado, introduz a incerteza e a brutalidade da competição e faz os sujeitos assumi-las como um fracasso pessoal, uma vergonha, uma desvalorização.”

Ademais “O sintoma depressivo já faz parte da normatividade” (Dardot; Laval, 2020, p. 367). Portanto, com base nos autores citados, podemos delinear que a sociedade neoliberal – a partir de sua busca por eficiência, desempenho e zero falha – gera nos indivíduos uma autocoerção. São sujeitos que cobram de si mesmo essa eficiência, o que acarreta contrapontos como o aumento de sintomas depressivos.

Aproximando esses conceitos à obra de Mario Levrero, é necessário retomar o apresentado em *El factor Levrero* composto por Enrique Fogwill (2013). Este afirma que, na escrita de Levrero, reconhecemos um personagem entranhado de tiques, fobias, obsessões e superstições. Ana Cecília Olmos, em seu artigo *A escritura perplexa. Sobre Irrupciones, de Mario Levrero*, baseando-se no conceito de *El factor Levrero*, deslinda o

fato de que a escrita de Levrero é afetada tanto pela escritura quanto pelo mundo em todas as facetas da existência: “Pode se dizer, nesse sentido, que para Levrero a escrita supõe, em primeiro lugar, deixar-se afetar” (Olmos, 2022, p. 62).

Olmos (2022) analisa essa escrita que se deixa afetar nas *Irrupciones*, livro composto por 126 textos publicados por Levrero para a revista *Postdata*. Podemos verificar elementos dessa mesma escrita que se deixa afetar em *El discurso vacío*: “[...] no somos otra cosa que un punto de cruce entre hilos que nos trascienden, que vienen no se sabe de dónde y van no se sabe adónde, y que incluyen a todos los demás individuos” (Levrero, 2011, p. 31-32). A partir desse excerto, percebemos a admissão por parte desse sujeito levreriano de que os elementos externos o afetam e o moldam enquanto sujeito, havendo, também, um caráter de desconhecimento em relação a toda essa trama. Ademais, é perceptível, na escrita de Levrero, uma oposição a esses elementos de ordem social que o influenciam, “Me fastidia ser tan influenciabile y dependiente de una sociedad con la cual no comparto la mayor parte de sus opiniones, motivaciones, objetivos e creencias” (Levrero, 2011, p. 31), os quais consolidam a ideia de que as mudanças sociais, fruto do avanço neoliberal ocorrido nas décadas de 80 e 90, afligem a escrita de *El discurso vacío*.

Apesar de discorrer acerca do seu cotidiano, dentro de um microcosmo, *El discurso vacío* exprime um constante embate entre essa forma de ser levreriana que vai de encontro ao ideário da sociedade do desempenho. Admite-se que há um padrão imposto de fora e que se apodera, sobrenaturalmente, nos sujeitos: “Hay un patrón, una forma abstracta que se aplica como si fuera una fuerza sobrenatural operando en todos nosotros” (Levrero, 2011, p. 92). Essa força pode ser lida como esse ideário de eficiência. Tal embate deslinda-se em outros momentos do livro.

Em uma sociedade afetada pela lógica do desempenho, o ócio passa a ser visto como algo não proveitoso. E, no microcosmo de *El discurso vacío*, percebemos como, no correr dos dias, o entrechoque entre essa “*fuerza sobrenatural*” da qual Levrero discorda e esse ideário que se apresenta na forma com que Ignacio, enteado de Levrero, lida com seu tempo de ócio: “Es notable cómo Ignacio está educado para no tolerar el ocio” (Levrero, 2011, p. 23). Com mais força, a contradição entre Levrero e essas forças da sociedade do desempenho se materializam no embate entre Levrero e sua companheira Alicia. Os entraves oriundos da necessidade de mudarem de casa o leva a refletir sobre o modo de ser deles.

Creo que esto se produce fundamentalmente por la interacción de dos personalidades distintas, casi opuestas, como la de Alicia y la mía. Mi modo de ser me exige, y me permite, realizar las cosas de cierto modo y no de otro. Mi modo de realizar acciones tiene algo de Zen (Levrero, 2011, p. 78).

Estabelece-se uma oposição entre o modo de agir de Levrero, que se apresenta no texto como Zen, e o de desenrolar num sujeito que busca o tempo de ócio, que tem dificuldade com lidar com os entreveros da vida e não se assujeita a busca por eficácia, e o modo de Alicia.

Alicia, quien, tiene la modalidad opuesta, yo diría de “falta de respeto por las cosas”, cree que las cosas deben realizarse por obra de la sola fuerza de voluntad, independiente de las circunstancias (externas o internas), contra viento y marea. (Levrero, 2011, p. 78-79).

Nessa contradição entre modos de agir, Alicia é apresentada como alguém que nutre a ideia de que sua própria força de trabalho é a força motriz para a superação dos percalços. Para ela, quaisquer elementos que não dependam de sua ação devem ser superados. Conforme o excerto, a mulher se mostra assujeitada à nova racionalidade, consoante com o apresentado por Dardot e Laval (2020, p. 353) “O poder dessa racionalidade, como vimos, deve-se à instauração de situações que forçam os sujeitos a funcionar de acordo com os termos do jogo imposto a eles”. Já por Alemán (2016, p. 15), há a constatação de que sob a lógica imposta pelo neoliberalismo um novo tipo de sujeito se configura. “Esta es precisamente la novedad del Neoliberalismo: la capacidad de producir subjetividades que se configuran según un paradigma empresarial, competitivo y gerencial de la propia existência”.

Se por parte de Levrero temos um sujeito afetado pelo mundo exterior, que se reflete acerca desse mundo que o cerca, no qual ele se sente sem forças para tomar o controle, Alicia, pelo contrário, *contra vento y marea* parte para a resolução. O homem diante de um mundo incerto, deixa-se afetar, entrega-se às fobias e procrastinações que fazem parte do fator *levrero* já anteriormente citado. Já a mulher aproxima-se mais da nova lógica em que, diante das incertezas do mundo, toma para sua individualidade a responsabilidade de defrontar os percalços. Dessa forma, “O domínio de si mesmo coloca-se como uma espécie de compensação impossível do mundo. O indivíduo é o melhor, senão o único ‘integrador’ da complexidade e o melhor ator da incerteza” (Dardot; Laval, 2020, p. 342).

A maneira de ser do sujeito levreriano se contrapõe ao modo eficaz de ser de Alicia, conforme em “[...] la modalidad de Alicia la hace mucho más eficaz que yo” (Levrero, 2011, p. 79). Para esse sujeito que busca o ócio e sente a carga das imposições oriundas do mundo externo, tornar-se eficaz possui um peso maior: “los momentos de mi vida en que yo he desarrollado similar modalidad y similar eficacia, he extraído la experiencia de que esa eficacia práctica tiene un alto precio espiritual” (Levrero, 2011, p. 79).

Desse modo, em *El discurso vacío*, encontramos esse sujeito que, tal qual postulado por Fogwill (2013), é perpassado por fobias e sente-se em desacordo com um mundo que o afeta por cobrar um desenrolar dos dias em direção à resolução, a desempenho e à eficácia. Esse sujeito levreriano sente-se cindido entre seu desejo pelo ócio, por um tempo mais lento, pela observação de elementos mais comezinhos da vida e as obrigações, sejam laborais ou da vida íntima, que o fazem nutrir por si um sentimento negativo: “Debo luchar contra las fobias y contra la inmovilidad, la pasividad, sobre todo porque detrás de esta pasividad se oculta una poderosa fuerza destructiva” (Levrero, 2011, p. 164). Ao final, esse sujeito sente-se entremeadado de dificuldades das quais não sente capacidade interna para a resolução dos percalços, diferentemente de seu contraponto Alicia: “[...] las circunstancias son un cúmulo de desastres y de situaciones desagradables, mi mala respuesta a las mismas - lenta, torpe, insegura - sólo consigue agravar esas circunstancias y complicar aún más la posibilidad de soluciones” (Levrero, 2011, p. 165).

Assim, esse sujeito fóbico, cheio de manias e tiques presente na imagem apresentada por Levrero em sua escrita opõe-se à lógica empresarial e concorrência presente no seu contexto sociohistórico. Alemán (2016, p. 16) salienta que, diante da dominação neoliberal desde cedo, “la vidas deben pasar por la prueba de si van a ser o no aceptadas, si van a tener lugar o no, en el nuevo orden simbólico del Mercado”. Diante desse contexto, ainda por Alemán (2016), que nutre uma permanente pressão para a construção de uma vida feliz e realizada, aos moldes impostos pela racionalidade neoliberal, a figura de Levrero apresentada em *El discurso vacío* se opõe a essa lógica. Assim, esse ato de oposição sofre o sentimento de fracasso e frustração que mais tem relação com as estruturas do sistema, muito embora o próprio sujeito que fala no diário por vezes assuma para si o fracasso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar a obra *El discurso vacío*, de Mario Levrero, em sua relação com o contexto socioideológico de sua produção. A obra propõe ser ao mesmo tempo um diário e uma espécie de exercício de autocuidado em que o autor almeja melhorar seu eu por meio de uma melhor grafia das letras. O que aparentemente configuraria um texto ensimesmado e distante de sua relação com o contexto da época de produção.

Entretanto, ao longo das entradas do diário presentes no livro, é possível verificar um diálogo com o contexto da época, uma vez que relatam elementos de um cotidiano simples, com problemas corriqueiros, como o trato de um cachorro ou a relação de Levrero com sua esposa e o filho dela. Além disso, encontramos o que ele denomina *discurso vacío*, como apontamentos em que empreende a tentativa de escrever de maneira livre, sem pensar muito com o foco na grafia da letra. Apesar desses dois elementos corriqueiros e autocentrados, as entradas do dia a dia e o discurso vazio, esses elementos se relacionam com o contexto da época de produção.

Com as entradas do diário localizadas entre o fim da década de 80 e o início da de 90, o livro situa-se no momento em que o consenso de Washington se consolidava. A década de 90 é marcada na América do Sul como o tempo de avanço de políticas neoliberais que buscavam privatizações e austeridade a fim de estabilizar as economias nacionais.

O Neoliberalismo vai além de um sistema econômico. Embasados em Dardot e Laval (2020) e Jorge Alemán (2016), há a identificação do Neoliberalismo com uma racionalidade que atravessa os sujeitos construindo assim novas formas de subjetivação. De tal modo que Dardot e Laval (2020) propõem que essa nova forma de subjetivação neoliberal encontra na empresa seu modelo base. Assim, os sujeitos, sob a égide dessa lógica, têm sua constituição enquanto seres baseada na razão e no funcionamento de uma empresa.

Desse modo, a busca por eficiência, a concorrência e o trato de si como um capital que pode ser aprimorado e ganhar mais valorização seriam nortes comportamentais. Ainda podemos aproximar a ideia de sujeitos de desempenho, presente na obra de Byung-Chul Han (2015), a esses elementos já apresentados. Em resumo, a lógica neoliberal impõe aos sujeitos uma busca constante por desempenho e eficiência o que coloca o

sujeito do discurso de *El discurso vacío* em total oposição com esses ideais, o que é apresentado ao longo dos exemplos presentes nesse artigo.

Sendo assim, em um contexto de avanço neoliberal, em que essa racionalidade que leva autoexploração, concorrência e eficiência máxima, encontramos no sujeito que narra seus dias e seus dilemas em *El discurso vacío* um elemento de oposição; ainda que de forma contraditória, pois, ao mesmo tempo em que a figura de Levrero se opõe à figura de Alicia, sua companheira, que busca sempre a resolução eficiente dos problemas cotidianos, esse Levrero também diversas vezes se mostra com os sentimentos de fracasso, julgando-se negativamente em relação a vida. É, portanto, um sujeito que sofre diante da contradição presente entre sua forma de ser e os elementos externos que o afetam.

Alemán (2016) demonstra que esse mal-estar dos sujeitos sob a égide do Neoliberalismo tem relação com essa constante exigência de si que é autoimposta. Desse modo e conforme apresentado pelos exemplos ao longo do artigo, temos em *El discurso vacío* esse sujeito fóbico que se deixa afetar pelo seu entorno, de tal forma que, em um entorno social fundamentado na busca pela concorrência e pela eficiência, se sinta sempre aquém daquilo que lhe é demandado pelo entorno, o que o leva a se valorar de modo negativo.

Essa imagem de fracasso que o sujeito levreriano demonstra em *El discurso vacío* diz respeito a esse deixar se afetar pelo entorno. Um exemplo é a maneira com que esse sujeito se julga de maneira negativa quando em comparação com a figura de Alicia. Muito mais do que um livro focado em elementos comezinhos registrados em um diário, a obra aponta para a condição de um sujeito que se opõe à racionalidade que avançava em seu contexto de produção e, ao fazer isso, sente-se afetado, fazendo com que, muitas vezes, embora em desacordo com o posto, valora-se de modo negativo.

REFERÊNCIAS

ALEMÁN, Jorge. *Horizontes neoliberales en la subjetividad*. Olivos: Grama Ediciones, 2016.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. *As políticas neoliberais e a crise da América do Sul*. Revista Brasileira de Política Internacional, V. 45, N. 2, p. 135-146, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbpi/a/fvD3ZxTMx79JzdCxS4rZTSt/?lang=pt> . Acesso em: 31 jan. 2024.

FOGWILL, Enrique. Las noches oscuras del maestro. *In*: DE ROSSO, Ezequiel (org.). *La máquina de pensar en Mario*: Ensayos sobre la obra de Levrero. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2013.

GARRAMUÑO, Florencia. *Frutos estranhos*: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Editora Vozes. 2015.

HERRERO, Mariela. La vida en juego. Diario de un canalla y Burdeos, 1972 de Mario Levrero. *Saga Revista de Letras*, Universidad Nacional de Rosario, n. 1, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2133/11890>. Acesso em: 26 jun. 2024.

LADDAGA, Reinaldo. Una escritura de rescate: El discurso vacío en la obra de Levrero. *Cuadernos LIRICO*, n. 14, 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/lirico/2199>. Acesso em: 26 jun. 2024.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. *Nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal*. 8. ed. São Paulo: Boitempo. 2020.

LEVRERO, Mario. *El discurso vacío*. Buenos Aires: Literatura Mondadori. 2011.

LIBERTELLA, Mauro. *Un hombre entre paréntesis Retrato de Mario Levrero*. Santiago: Ediciones Universidad Diego Portales, 2019.

OLMOS, Ana Cecília Arias. A escrita perplexa: sobre Irrupciones, de Mario Levrero. *Literatura e sociedade*, v. 27, n. jan/jun 2022, p. 55-65, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i35p55-65>. Acesso em: 31 jan. 2024.

PEREIRA, Antonio Marcos. Levrero Idiorrítmico. *ALEA*, Rio de Janeiro, vol. 20/2, p. 137-146, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/zwfLqr7sgrbbftNFZB9xCsm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jan. 2024.

Recebido em: 27/02/2024

Aceito em: 16/07/2024

Luis Figueiredo: doutorando em Literatura Hispano-Americana pela Universidade de São Paulo - USP. Mestre em Linguística Aplicada com ênfase em Análise do Discurso de linha francesa pela Universidade de Taubaté - UNITAU. Graduado em Letras pelo Centro Universitário Teresa D'Ávila - UNIFATEA. Professor de educação básica na Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo.